

Material de apoio ao professor



LIVRO

Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis

AUTORA

Jarid Arraes

ILUSTRADORA

Gabriela Pires

CATEGORIA 2

Obras literárias do 8º e 9º anos do Ensino Fundamental

TEMAS

Encontros com a diferença
Sociedade, política e cidadania
Diálogos com a história e a filosofia

GÊNERO LITERÁRIO

Poesia



AUTORIA

Juliana dos Santos Piauí
Especialista da Comunidade Educativa
CEDAC

COORDENAÇÃO

Sandra Murakami Medrano
Coordenadora da Comunidade Educativa
CEDAC

Conteúdo

CEDAC — Centro de Educação e Documentação para a Ação Comunitária

Revisão

Ana Luíza Couto

Aminah Haman

Sumário

Carta ao professor	4
Estrutura do material de apoio	5
Contextualização	6
As autoras e a obra	6
Sobre o gênero e o estilo	7
Por que ler essa obra no 8º e 9º anos do Ensino Fundamental	10
Conversas em torno da leitura dessa obra	14
Propostas de atividades: Esse livro e as aulas de Língua Portuguesa	16
Atividade 1: Heroínas negras brasileiras e os primeiros sobrevoos no universo social, cultural e simbólico dos cordéis	16
Pré-leitura	16
Leitura	18
Pós-leitura	20
Atividade 2: Uma imersão na tessitura poética cordelista de Jarid Arraes	21
Pré-leitura	21
Leitura	22
Pós-leitura	24
Atividade 3: A poesia cordelista de Jarid Arraes e suas ramificações	25
Pré-leitura	25
Leitura	26
Pós-leitura	26
Possibilidades interdisciplinares	27
Bibliografia comentada	29
Sugestões de leituras complementares	30

Carta ao professor

Cara professora, caro professor,

Uma das funções mais complexas da escola é formar leitores proficientes (competentes e críticos) que façam uso da leitura em diversas circunstâncias e com diferentes propósitos. Isso porque a formação de sujeitos para uma sociedade democrática pressupõe, entre outros aspectos, um intenso trabalho de leitura.

Os textos literários contribuem bastante para uma formação que considera o plural e o diverso, por fornecer múltiplas possibilidades para o sujeito compreender o mundo em que vive. Bons textos literários são polissêmicos, vigorosos e oferecem ao leitor variadas experiências estéticas.

No artigo “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”, Jorge Larrosa Bondía explica que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (2002, p. 21). Num mundo caracterizado por tanta informação, mas pouca experiência, é fundamental uma experiência que toca, atravessa e transforma o leitor — e que nesse caso só é possível porque concebemos a literatura como arte. O ato de refletir sobre os usos e os efeitos de sentido é uma experiência que desejamos que todos os estudantes tenham a oportunidade de vivenciar, ampliando assim seus conhecimentos sobre recursos linguísticos e, conseqüentemente, a habilidade de se expressar no mundo.

Este material foi produzido por especialistas em educação, literatura e didática da leitura, sob a supervisão da Comunidade Educativa CEDAC, que atua na formação de educadores das redes públicas desde 1997, com ampla experiência em projetos que visam à formação de leitores, por meio da qualificação e institucionalização das práticas de leitura nas escolas. Na produção deste material, houve cuidado de contemplar a análise dos aspectos literários da obra e de propor situações que favorecessem o diálogo com os estudantes e suas reflexões sobre a obra e seu contexto sócio-histórico. A intenção foi indicar caminhos para que você possa mediar uma experiência literária significativa para os estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental, contribuindo para que o direito de acesso aos bens culturais — nesse caso ao livro, à leitura e à literatura de qualidade — fosse garantido, assim como a formação leitora a ser desenvolvida na e a partir da escola.

Bom trabalho!

ESTRUTURA DO MATERIAL DE APOIO

Este material visa apoiar o trabalho com o livro *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*. As propostas aqui apresentadas são apenas sugestões de encaminhamento para os principais temas da obra e os Temas Contemporâneos Transversais (TCTs), e não pretendem esgotar as possibilidades de leitura. Ele está organizado da seguinte forma:

- **Contextualização:** informações importantes sobre a obra, a autora, a ilustradora, o gênero e as características do estilo literário.
- **Por que ler essa obra no 8º e 9º anos do Ensino Fundamental:** subsídios e orientações sobre a importância da leitura desse livro nessa etapa escolar e sua contribuição para a formação leitora dos estudantes, estabelecendo relações entre as práticas sugeridas e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).
- **Conversas em torno da leitura dessa obra:** indicações relacionadas às práticas pedagógicas de leitura na escola, considerando as concepções que embasam a formação do leitor e o objeto de ensino da Língua Portuguesa.
- **Propostas de atividades: Esse livro e as aulas de Língua Portuguesa:** três propostas para encaminhar a apreciação do livro em sala de aula, com atividades organizadas em pré-leitura, durante a leitura e pós-leitura.
- **Possibilidades interdisciplinares:** sugestões para ampliar a apreciação da obra e o aprofundamento dos temas, relacionando com outras áreas do conhecimento.
- **Bibliografia comentada:** lista das obras citadas no material, com breves comentários.
- **Sugestões de leituras complementares:** lista de materiais que dialogam com os conteúdos e temas abordados na obra e que contribuem para o seu trabalho.

CONTEXTUALIZAÇÃO

Como a leitura da obra de **Jarid Arraes** repercutiu em você? Suponho que tenha sido impactante. Afinal, conhecer essas heroínas negras por meio da linguagem poética do cordel é uma experiência leitora singular.

É que a musicalidade criada por Jarid pelas rimas e pela métrica provoca uma cadência que pulsa dentro de nós, como repiques melódicos que realçam a potência fantástica e dolorosa presente nos dramas e nas façanhas de cada heroína: nos enredos e conflitos que as envolvem, bem como no clima, nos cenários e contextos em que transcorrem suas histórias.

Com engenhosidade, a autora combina o cordel — literatura de tradição oral brasileira — com narrativas biográficas de mulheres negras afro-brasileiras de tempos e espaços distintos, e por vezes próximos, que podem habitar nossa memória e imaginação ancestrais.

Nossas heroínas foram personalidades, reais e mitológicas, que enfrentaram o sistema escravocrata, racista e machista, trazendo suas vozes à cena pública em tempos que impunham o silenciamento das mulheres negras. Elas não se conformaram com as injustiças e a falta de direitos e empreenderam muita força para transpor a exclusão e as desigualdades sociais a fim de exercerem sua liberdade.

Ao contar narrativas de valentia, destreza e coragem — elementos característicos do cordel —, Jarid revela perspectivas historicamente ocultadas ou distorcidas. Na **poesia** cordelista de Jarid, as mulheres negras são testemunhas oculares dos acontecimentos — e tomam parte deles. Elas denunciam as opressões, a peleja da vida contra a morte e a necessidade de transformar as relações sociais para que não fossem mais regidas por preceitos de raça e gênero.

AS AUTORAS E A OBRA

Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis foi escrito por Jarid Arraes em 2017. A obra é fruto de sua necessidade de recompor os laços com a própria afro-brasilidade.

Assim como muitos de nós, em sua trajetória escolar, Jarid não teve contato com narrativas de mulheres negras importantes para a história do país. É como se elas nunca tivessem feito algo relevante com que pudéssemos aprender, contar e admirar.

Eis que desse sentimento de ausência nasceu o gesto gerador e criativo de Jarid: restituir e contar a vida dessas mulheres negras que ficaram esquecidas e anônimas nos escombros da memória e da história brasileira.

E, para contar as histórias dessas pessoas geniais, estrategistas e insubmissas, a

autora se valeu da literatura de cordel, criando a coleção Heroínas Negras na História do Brasil — e o sucesso foi tanto que passou a ser requisitada pelas escolas e vem ultrapassando as fronteiras do país, sendo difundida em outros lugares, como a Biblioteca do Congresso em Washington, nos Estados Unidos. Esse livro, *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*, resulta desse processo.

A perícia com que trabalha a linguagem, revelada nas rimas e métricas, vem tanto da pesquisa meticulosa de Jarid como do fato de ser filha e neta de cordelistas e xilogravadores nordestinos. A autora nasceu em 1991 na cidade de Juazeiro do Norte, na região do Cariri, no Ceará.

Dona de uma versatilidade admirável e extremamente engajada, Jarid Arraes escreveu em blogs, foi colunista da *Revista Fórum*, fundou o coletivo Feministas do Cariri (Femica), participou de organizações não governamentais (ONGS) e criou o Clube da Escrita Para Mulheres, em 2015, cujo objetivo era incentivar mulheres escritoras ou desejosas pela autoria. O que era apenas um clube de encontros expandiu-se e acabou se tornando um coletivo.

Além da literatura de cordel, Jarid tem transitado habilmente entre outros gêneros literários. Em 2018 ela lançou um volume de poemas, *Um buraco com meu nome*, e em 2019 um de contos, *Redemoinho em dia quente* — que recebeu o prêmio de melhor livro na categoria Contos e Crônicas da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) e foi avaliado como uma das melhores publicações de 2019 pela revista *Quatro Cinco Um* e pelo *Suplemento Pernambuco*. Em 2022, publicou seu primeiro romance, *Corpo desfeito*.

Mesmo que a autora tenha buscado gêneros variados para seus escritos, o “pluriverso” — isto é, a pluralidade de universos — das mulheres e do corpo feminino negro é o âmago de sua produção artística literária.

Em *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*, a capa, o projeto gráfico e as ilustrações do livro foram feitas por **Gabriela Pires**, designer gráfica e ilustradora formada pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Ela atua no setor editorial realizando desde a produção gráfica até a encadernação manual de livros e publicações. Para os cordéis de Jarid, ela usou a xilogravura, técnica de gravura entalhada em madeira que sempre acompanha os cordéis tradicionais.

SOBRE O GÊNERO E O ESTILO

E o que é o cordel? Qual é seu significado na formação social e cultural brasileira?

A literatura de cordel é um texto do gênero **poesia** que representa uma valiosa manifestação cultural do país, marcando presença no sertão e no agreste do Nor-

deste brasileiro, a ponto de, em 2018, ter sido considerada um bem cultural imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Alguns pesquisadores que se ocuparam de percorrer as trilhas que levam ao passado do cordel argumentam que suas raízes estão nas diversas formas de poesia popular impressas do século xvii. Outros consideram que o cordel nasceu antes, na Europa medieval, entre os séculos xii e xvi. Mesmo havendo imprecisão quanto ao seu surgimento, as análises mais correntes indicam que deve ter chegado ao Nordeste no século xix, trazido pelos colonizadores portugueses.

Quando se olha para a produção de cordéis antigos, é possível reconhecer marcas de influências de diferentes matrizes — indígenas, africanas, europeias e orientais —, o que denota a identidade multicultural dessa literatura.

A cultura cordelista tem fortes ligações com os cantadores de violas, e muitos escritores desses versos — mas não todos — também são violeiros repentistas. Ao pensar em cordel, lembramos características essenciais do gênero poético, como versos ritmados e cadenciados, dispostos em estrofes com notações fixas, que alternam versos rimados e outros livres. Embora nem todos os textos poéticos tenham essa estrutura tão marcada como no cordel, o ritmo, a cadência, a composição em versos, a criação de imagens e a experimentação das potencialidades da língua definem o que é um poema.

Ao pensar em cordel, uma imagem familiar é um texto poético impresso em folhetos que costumam ser pendurados em cordões nas feiras — aliás, ele traz em seu nome o significado “cordão”. É um texto que é falado em voz alta por pessoas que vão de feira em feira vendendo e cantando seus versos.

Os primeiríssimos folhetos de cordel não tinham estruturas fixas — isso foi mudando com o tempo à medida que os poetas contadores de histórias passaram a adotar regras com definições mais precisas. A partir daí, convencionou-se um formato: os cordéis tradicionais passaram a ser pequenos, impressos em papéis baratos formando brochuras simples com 8, 16 ou 32 páginas. Quanto ao conteúdo, havia histórias e causos sobre temas diversos: amor, tristeza, humor, tragédia, morte, mistério, redenção, peleja, desafio, coragem, medo, política e crítica social, entre outros.

Por essa variedade, é possível classificar os folhetos de cordel em ciclos: o ciclo de histórias sobre cangaceiros, o ciclo dos desafios de repentistas ou as pelejas, o ciclo das vidas de santos e o ciclo dos folhetos jornalísticos com fatos atuais, entre outros (TAVARES, 2009, p. 73). Outra curiosidade são os subgêneros que essa literatura abarca hoje em dia: marcam presença relações com o romance, as lendas, as narrativas de aventura, biografias, relatos de viagens etc.

Príncipes e princesas, bruxas e dragões, seres reais e lendários, lideranças religiosas e foras da lei personificam enredos que perambulavam entre o fantástico e o

maravilhoso. E da combinação entre o pretense verídico, o inusitado e o hilariante desenrolam-se narrativas errantes, sem compromisso com o aspecto literal das coisas — afinal, tudo pode transcender sob o efeito do fabuloso.

Além da poesia textual, os folhetos de cordel contam com xilogravuras nas capas e nas páginas internas, e muitas vezes há reprodução de fotos com cenas de filmes ou de cartões-postais antigos (TAVARES, 2009, p. 75).

Entre os expoentes da literatura cordelista está José Camelo de Melo Resende, autor de *Romance do pavão misterioso*, um dos folhetos mais conhecidos.

Recomendamos que os estudantes acessem esses cordéis tradicionais na escola, pesquisando os mestres cordelistas e a contribuição desse gênero para a formação social e cultural do país. Entretanto, vale ressaltar que tal contato dos adolescentes *não pode prescindir de um olhar crítico acerca dessas narrativas*. É que muitos cordéis foram escritos por homens que, por meio de suas produções, transmitiram valores alicerçados em racismo, machismo, sexismo e intolerância religiosa.

Na interação com esse tipo de literatura, é fundamental buscar uma posição ativa e reflexiva sobre a concepção de mundo engendrada nos cordéis. Mais que uma exaltação da cultura popular, importa também construir uma leitura crítica sobre seu conteúdo, debatendo os lugares que discursos dissidentes aos direitos humanos ocupam na contemporaneidade. Do mesmo modo, é necessário refletir como os estereótipos reforçados no passado interferem nas relações sociais no presente. Então, é primordial apoiar os estudantes para que se tornem leitores argutos de imagens que cristalizam estereótipos.

Não à toa, Jarid Arraes, em *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*, exhibe uma façanha com seu livro. Nessa matriz cultural do cordel — historicamente narrada por homens recheada de proezas que refletiam muitas vezes fantasias que emanavam de sua própria imagem —, ela introduz a valentia insurgente de mulheres negras. Com isso, nos oferece outros espelhos para os quais podemos mirar e outras janelas em que podemos avistar paisagens sobre a nossa história.

Se por um lado Jarid conserva nessa obra características da literatura de cordel, por outro, de forma original, tensiona a tradição ao pôr no centro de suas narrativas poéticas mulheres negras — algo bastante raro nos cordelistas do passado e do presente.

De seus versos emerge uma musicalidade que entona de maneira simples, arrojada e emocionante as histórias de coragem de heroínas negras que precisaram, por força de um regime de hierarquização racial, de gênero e de classe, ser fortes e guerreiras. Certamente, você perceberá que, em se tratando de mulheres negras, essa condição pode ter sido mais uma imposição do que um voluntarismo. Eis outro aspecto que pode ser gerador de boas conversas com os adolescentes.

A notação poética regular caracteriza os cordéis de Jarid. São sempre seis ver-

sos por estrofe, com sete sílabas poéticas. Além disso, marcam presença nos versos a rima livre e a poesia rimada, sendo que aparecem rimados entre si geralmente os versos 2, 4 e 6, como vemos a seguir, num trecho do cordel sobre Maria Firmina dos Reis (p. 108):

- 1 Uma forma que encontrou
- 2 Pra política **exercer**
- 3 Foi na arte literária
- 4 Que ela veio a **escrever**
- 5 Contos, livro e poesia
- 6 Tudo pronto pra se **ler**.

Jarid Arraes trata de inúmeros temas nos cordéis, destacando-se o confronto das heroínas negras com o sistema colonial escravista e a privação de direitos. Na tônica de seus versos deparamos com narrativas de mulheres que transitam entre o real histórico e o mítico, algo que converge com as características do gênero.

Com um olhar de releitura e questionamento da tradição, Jarid combina nesse livro aspectos fundamentais dos cordéis, como: o contexto social, com indicativos das condições sociais de determinado tempo histórico; as qualidades e façanhas das personagens; os ensinamentos que a história desenvolve, uma espécie de moral sobre o que foi narrado; e o protesto, em que a autora traz sua voz em primeira pessoa para imprimir ao leitor seus pensamentos e sensações.

Os quinze cordéis vêm acompanhados de dados biográficos das heroínas, que podem complementar os conhecimentos dos estudantes e mobilizá-los a pesquisar essas personalidades. Há ainda diversas referências que podem servir de mote para aprofundamentos, como a Revolta dos Malês e a Sabinada.

Em diálogo com as narrativas, as xilogravuras de Gabriela Pires trazem ao livro a corporeidade das quinze heroínas negras — que tiveram, muitas delas, a fisionomia embotada pelo racismo num passado nem tão distante assim.

Por que ler essa obra no 8º e 9º anos do Ensino Fundamental

Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis é um título fundamental para a trajetória escolar. Com base no protagonismo de mulheres negras marcantes para a história

social, política, cultural, econômica, simbólica e espiritual do nosso país, propõe diálogos com temas necessários ao **convívio social democrático**.

Além disso, é uma obra com grande potencial para que os adolescentes exercitem o princípio da **alteridade** — que se relaciona com a possibilidade de reconhecer a humanidade que reside no outro como algo que existe em si próprios.

Esse tipo de entendimento desafia visões de mundo que se valem das diferenças como marcadores de (re)produção das desigualdades sociais. Ao contrário, vai ao encontro da ideia da pluralidade como algo positivo, ao reconhecer as “diferentes maneiras de ser, pensar, (re)agir, sentir e, pelo confronto com o que é diverso, desenvolver uma atitude de valorização e de respeito pela diversidade” (BRASIL, 2018, p. 156), algo previsto na habilidade EF69LP44* da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que considera os múltiplos olhares sobre as identidades, as sociedades e as culturas. Tal ideia fica expressa também no tema **multiculturalismo** dos Temas Contemporâneos Transversais, visto que aponta para a necessidade de a diversidade cultural e a educação para valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais serem essenciais ao currículo escolar.

Dificilmente o leitor sairá ileso das histórias contadas por Jarid. A obra mobiliza conhecimentos fundamentais aos jovens, que talvez tenham tido pouco contato com narrativas que reconheçam os **agenciamentos de luta, insubmissão e organização coletiva** das mulheres negras, bem como suas **contribuições para a formação social e cultural do país**.

E vale recordar que ainda existe uma hipervalorização de conhecimentos que se resumem aos ideários dos Estados Unidos e de poucos países europeus, como se apenas essas regiões do planeta tivessem produzido conhecimentos e acontecimentos relevantes para toda a humanidade. É o que nos ensina a escritora, psicóloga, intelectual e artista portuguesa Grada Kilomba:

Qual conhecimento está sendo reconhecido como tal? E qual conhecimento não o é? [...] De quem é esse conhecimento? Quem é reconhecida/o como alguém que possui conhecimento? E quem não o é? Quem pode ensinar conhecimento? E quem não pode? Quem está no centro? E quem permanece fora, nas margens? (2019, p. 50).

* (EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção (BRASIL, 2018, p. 157).

Aliás, a partir das biografias e de sua própria voz, Jarid tece críticas contundentes à educação escolar, que historicamente não se implicou em socializar repertórios que remetessem às contribuições das mulheres negras na formação do Brasil. Vejamos o que ela nos fala no trecho a seguir, do cordel sobre Luísa Mahin (p. 92):

Gostaria que Luísa
Fosse muito mais lembrada
Nas escolas brasileiras
Fosse sempre ali citada
É por isso que lutamos
Pra que seja memorada.

Após ler a obra, imagino que tenha ficado explícito por que essas mulheres foram apagadas da nossa memória social durante tanto tempo, não é mesmo? Isso se deve ao racismo e ao machismo produzido pelo sistema colonial escravista e pelo patriarcado capitalista, temas centrais na obra de Jarid.

E, como vemos nesses cordéis, as quinze personalidades deflagraram radicalmente esse tipo de sistema social em nome da liberdade, não só a pessoal, mas também a liberdade do grupo ao qual pertenciam. Com suas narrativas cordelistas, Jarid reforça que negras e negros não aceitaram passivamente a escravidão e a humilhação.

Ao reconstituir os acontecimentos sob a perspectiva biográfico-poética de mulheres negras, a autora imprime um gesto de revisão à história nacional brasileira, revelando-nos como certas narrativas foram marginalizadas em detrimento de uma pretensa história oficial do país.

Portanto, **sociedade, política e cidadania e diálogos com a história e a filosofia** são temas bastante presentes na obra, dialogando sobretudo com a competência geral 1 da BNCC*, que valoriza os diferentes conhecimentos.

Outro tema abordado pela obra está relacionado aos **encontros com a diferença**. E aqui poderíamos ir além: o encontro com as “parecenças”. Esse termo reforça o direito à restituição da nossa própria fisionomia, de sujeito e de país, que historicamente foi sendo rasurada pelo contato compulsório com narrativas que quase

* 1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva (BRASIL, 2018, p. 9).

sempre convergiam para ideias binárias em que o *ser branco* aparecia associado ao bem, ao bom e ao belo, e o *ser negro* ao mal, ao mau e ao feio. Reposicionar nossos entendimentos em torno desse assunto nos revela outras nuances e opacidades: “Quem sou eu?”, “Quem é o Outro, diferente de mim?”, “Eu sou o Outro para ele?”, “Sou eu também diferente para ele?”, “O que partilhamos em comum?”, “O que é o Brasil?”, “Quem é o Brasil?”.

Estamos diante de uma obra que apoia a construção de uma experiência leitora de larga abrangência reflexiva, com potencial de evocar a partilha do que há em comum entre os estudantes, a obra, a autora, a ilustradora, o país em que habitamos e você. Talvez, com sua turma, você consiga levá-la a sentir o quanto estão enredados por laços de *parecenças*, ou seja, de semelhanças (que não se confunde com a ideia de idêntico) — em vez de olharem somente pelo prisma das diferenças.

Quantas camadas de leitura *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis* nos provoca, não é mesmo? Pois é! E esse é o espírito primeiro da arte: deslocar nossos sentidos, orientações e verdades sobre o mundo, suscitando outras possíveis veredas.

E isso tem que ver com competência geral 3 da BNCC*, que ressalta a diversidade do nosso repertório cultural. Além desta, também pode ser trabalhada em especial a competência específica 5 de Linguagens**, que valoriza a fruição de manifestações culturais as mais diversas.

As bases epistemológicas da BNCC fundamentam a formação de um “leitor-fruidor”, que está preparado para perceber com mais clareza a “condição estética” da leitura literária e para explorar as múltiplas camadas de sentido do texto, analisando os recursos adotados pelos escritores:

Para que a função utilitária da literatura — e da arte em geral — possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor — e, portanto, garantir a formação de — um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura (BRASIL, 2018, p. 138).

* 3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural (BRASIL, 2018, p. 9).

** 5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas (BRASIL, 2018, p. 65).

Conversas em torno da leitura dessa obra

Este material oferece algumas recomendações para ampliar conversas em torno do livro de Jarid Arraes, além de sugerir caminhos para tornar a obra um objeto afetivo e efetivo nos processos de sociabilidade entre estudantes, educadores e comunidade escolar. Todavia, lembramos que compete ao professor e à escola decidirem as trilhas mais adequadas para o destino desejado.

O ponto de partida é o estudo da obra. Conforme você lia os cordéis, foram surgindo ideias e observações que têm o potencial de serem discutidos e analisados com os adolescentes? Foi possível registrar esses aspectos, que podem ser incluídos em seu planejamento de aula?

Vale mencionar que a formação de leitores requer a criação de um ambiente regado a escuta e trocas, e que, portanto, considere o repertório, as trajetórias leitoras, os pensamentos e as sensações, as hipóteses e inferências da turma. Pressupõe ainda um espaço aberto para dúvidas, argumentações e contrapontos, para mistérios e desvendamentos, para intertextualidades com outros livros ou linguagens artísticas. Essa é uma maneira de contribuir para a formação de leitores críticos e sensíveis que não ficam passivos diante de um livro.

Planejar situações de leitura, releitura e conversas diversas requer organização do tempo por parte do professor, a fim de possibilitar a construção e a ampliação de habilidades e competências leitoras. É interessante criar situações diversas de leitura: em alguns momentos, os adolescentes podem ouvir a leitura em voz alta pelo professor, acompanhando-o com o livro em mãos; outras vezes podem reler com maior autonomia, detendo-se nas páginas que escolherem, indo e voltando, conforme necessário; podem partilhar impressões entre si, ampliando suas percepções, e ainda pode haver situações em que estabeleçam relações com outras obras. Esses são exemplos de *comportamentos leitores* a serem aprendidos pelos estudantes.

Delia Lerner, pesquisadora argentina, explica que os comportamentos leitores são “conteúdos — e não tarefas, como se poderia acreditar — porque são aspectos do que se espera que os alunos aprendam, porque se fazem presentes na sala de aula precisamente para que os alunos se apropriem deles e possam pô-los em ação no futuro” (2002, p. 62).

Aliás, o professor, ao compartilhar com os estudantes suas próprias percepções sobre o livro, destacando elementos específicos e os convidando a fazerem o mesmo, está atuando como referência de leitor, mobilizando a apreciação estética da obra.

As perguntas feitas pelo professor nesses momentos são fundamentais para abrir espaço a uma conversa aberta e crítica, que não induza a respostas previsíveis e únicas, mas que incentive questionamentos — construindo assim um ambiente “de leitor para leitor”, como indica Lerner.

E vale destacar que as situações de leitura não podem ser encaradas como atos mecânicos. São momentos de socialização e construção de vínculos, não somente com os livros, mas também entre os adolescentes e entre eles e os mediadores. Assim, é essencial pensar num ambiente leitor acolhedor — o espaço, os livros e as relações pessoais ali estabelecidas.

As propostas presentes neste material pretendem ainda incentivar momentos de **interação verbal** nos quais se possa, ao conversar sobre o lido, ampliar o contato com as diferentes linguagens e desenvolver uma construção coletiva da compreensão da obra.

É importante ressaltar que a leitura de um livro literário é uma experiência em si. Nesse sentido, a apreciação estética do texto e das ilustrações, bem como a conversa e a troca de impressões com outros leitores, já permitem muitas aprendizagens aos adolescentes.

Neste material, daremos algumas ideias para a exploração da obra nos momentos da *pré* e *pós-leitura*, além de sugestões para a interação *durante a leitura*. São sugestões que podem ser ajustadas levando em conta as necessidades, os conhecimentos e a realidade de sua turma, bem como o contexto sociocultural no qual vocês se encontram e os recursos disponíveis. E podem ser revistas e ajustadas à luz das intencionalidades educativas previstas.

Como mencionamos, Jarid verseja sobre assuntos áridos, necessários e complexos. E ressalta-se que a escola é um ambiente propício ao diálogo sobre esses assuntos, por ser uma instância de conhecimento, sociabilidade e convívio. A escola, de maneira planejada, cuidadosa e acolhedora, é um espaço seguro para que os adolescentes (re)pensem sobre os grandes temas e dilemas que atravessam as subjetividades. E o racismo e o machismo são questões que permeiam indelevelmente o convívio social da comunidade escolar, em especial dos estudantes. Além disso, ambos podem comprometer o próprio destino da humanidade, caso não nos debruçemos coletivamente sobre esses problemas sociais.

Às vezes, sentimos que, ao não discutir questões, dilemas e traumas coletivos que nos afligem, eles desaparecerão como num passe de mágica. Entretanto, o que a história nos ensina é que, para lidar com eles, é preciso criar espaços de fala e de escuta, e impulsionar relações mais alicerçadas por princípios de equidade, plurali-

dade e dignidade. E a literatura, como acervo cultural produzido pela humanidade, pode ser uma aliada nessa história.

Reforçamos a importância de que a prática educativa seja ancorada por estudo, pesquisa e planejamento, e que os sentidos do professor estejam porosos ao acolhimento das necessidades cotidianas da turma.

E lembramos a necessidade de que isso se dê num ambiente mais abrangente que a própria sala de aula, para que diferentes atores da comunidade escolar construam convergências em torno de um projeto democrático de escola. Assim, a responsabilidade pela formação de leitores passa a ser uma tarefa compartilhada, e não fica a cargo apenas do professor.

Em seu planejamento de leitura e conversação sobre a obra, o professor pode considerar, entre outras coisas:

- o mapeamento de diferentes *chaves de leitura*, conceito que corresponde ao modo como escolhemos adentrar em um livro a partir do que consideramos essencial ao entendimento da narrativa (BAJOUR, 2020). Isso pode se tornar acessível a partir das “pistas” verbais, visuais, simbólicas, contextuais e autorais presentes na obra;
- as potenciais dificuldades e facilidades na fruição estética da obra junto aos estudantes.

Propostas de atividades: Esse livro e as aulas de Língua Portuguesa

ATIVIDADE 1: HEROÍNAS NEGRAS BRASILEIRAS E OS PRIMEIROS SOBREVIVOS NO UNIVERSO SOCIAL, CULTURAL E SIMBÓLICO DOS CORDÉIS

PRÉ-LEITURA

Esta parte da atividade contempla especialmente a habilidade EF69LP44* da BNCC, dada a interação entre literatura e visão de mundo dos sujeitos.

* (EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção (BRASIL, 2018, p. 157).

Antes de iniciar a leitura da obra, que tal “desembarcar” com os estudantes nas terras agrestinas ou sertanejas de parte do Nordeste? Isso caso vocês já não estejam lá.

Uma sugestão é fomentar os adolescentes a comentarem o que já sabem sobre essa região específica do Nordeste: o que conhecem sobre a fértil e vasta diversidade socioambiental, artística e cultural que “irriga” essas terras? E sobre as áridas dificuldades que marcam o cotidiano das pessoas que ali vivem?

É muito possível que eles reconheçam vínculos com esse território, afinal, a presença e a contribuição de nordestinos em outras regiões do país é bem marcante.

Neste momento, o intuito é introduzir os estudantes no conceito de literatura de cordel. Para isso, sugerimos instigar seus conhecimentos prévios sobre a região, buscando ambientá-los a cenários e paisagens que dão vida a muitos enredos cordelistas tradicionais.

Para maior aproximação entre os adolescentes e o contexto geográfico, social, cultural, afetivo e simbólico, sugerimos o uso de fotografias, vídeos e canções, entre outros materiais acessíveis e que atendam aos propósitos didáticos.

Com isso, você pode compartilhar com os estudantes a história da literatura de cordel. Este material poderá orientá-lo, mas sugerimos que mapeie e consulte outras fontes, conforme for necessário.

Mediante sua orientação, os estudantes podem ser convidados a formar pequenos grupos para pesquisar mais elementos sobre a cultura cordelista.

Em um segundo momento, você pode selecionar um repertório de cordéis tradicionais para leitura compartilhada e análise colaborativa com os adolescentes.

Como já destacamos antes, o cordel é um legado da cultura brasileira atravessado por problemas estruturais de nossa história, como a discriminação racial e de gênero, a intolerância religiosa etc. Portanto, recomendamos que você faça uma seleção prévia dos folhetos a serem lidos em sala de aula, buscando desviar de obras com estereótipos. Caso opte por levar alguns folhetos que expressem estereótipos, é preciso que essa decisão venha acompanhada de um diálogo bastante qualificado com o grupo.

É fundamental organizar com os adolescentes os propósitos e focos da análise dos cordéis tradicionais. Alguns tópicos que podem compor o roteiro são:

- O que vocês observaram em relação aos cordéis tradicionais selecionados?
- Quem serão os autores considerados mestres cordelistas?
- Como será que esses cordéis tradicionais circulavam quando foram escritos e publicados?
- Como vocês descreveriam os conteúdos temáticos desses cordéis?
- O que acharam da forma que as histórias são narradas? O que gostariam de destacar em relação a isso?
- E as ilustrações que acompanham essas poesias cordelistas? O que vocês teriam a dizer a respeito?
- O que acham da maneira como os personagens são retratados?
- Como imaginam que seja feita a leitura desse tipo de folheto que narra histórias e causos de forma poética? Que tal experimentar recitar um deles?
- Há marcas de discriminação presentes nos folhetos? O que podemos pensar a partir disso?

Esses são apenas alguns exemplos, você pode propor outras perguntas que julgar pertinentes no momento de estudo e conforme o repertório do grupo.

Nesse momento de aproximação inicial com a literatura de cordel, a intenção não é aprofundar as estruturas e notações fixas do gênero. Basta que a turma consiga reconhecer algumas regularidades, alternâncias e variações a partir da leitura de diferentes folhetos.

E o roteiro sugerido não precisa ser contemplado integralmente em uma única aula, ele pode orientar um processo mais longo de investigação, experimentação e aprendizagens do grupo. Contudo, recomenda-se que os conhecimentos construídos nesse processo sejam registrados de alguma forma. Adiante, indicaremos uma possibilidade.

LEITURA

Para este momento, destacamos particularmente a habilidade EF69LP48* da BNCC, que aborda a análise de diferentes índices presentes em textos poéticos.

* (EF69LP48) Interpretar, em poemas, efeitos produzidos pelo uso de recursos expressivos sonoros (estrofação, rimas, aliterações etc), semânticos (figuras de linguagem, por exemplo), gráficoespaciais (distribuição da mancha gráfica no papel), imagens e sua relação com o texto verbal (BRASIL, 2018, p. 159).

Você pode começar a ler a obra instigando os adolescentes a uma conversa sobre alguns índices presentes na capa e quarta capa, como: título, autoria, ilustração, texto da quarta capa etc. São exemplos de perguntas para este momento:

- Por que vocês acham que a autora enfatiza no título que os cordéis são sobre heroínas negras brasileiras? Por que será que ela sente necessidade de enunciar isso desde o princípio?
- Será que os cordéis de Jarid anunciam algo novo nesse tipo de literatura, se pensamos no título?
- Que tipo de linguagem foi usada nas ilustrações coloridas da capa e quarta capa?
- Quem será a autora? Alguém a conhece? Sabe se ela já tem outros livros publicados?
- E a ilustradora?

Você pode compartilhar com o grupo algumas informações que pesquisou antecipadamente ou ainda destacar aspectos do Paratexto aos estudantes (*Conversando sobre a obra*) presente no fim do volume.

Com isso, a turma pode adentrar a obra pelo primeiro cordel. Recomendamos que você o leia em voz alta para que os estudantes tenham uma referência, para que saibam como proceder em relação à leitura. Caso sinta necessidade, pode ser lido mais de uma vez.

Em seguida, sugerimos que seja aberto um espaço para ouvir as percepções da turma sobre o que foi lido. Você também pode compartilhar como esse cordel em específico repercutiu em você, como foi sua preparação para recitá-lo na sala, as dificuldades que teve e as estratégias que usou para superá-las.

A intenção é que as reflexões com a turma orbitem em dois aspectos fundamentais: o **conteúdo do cordel**, que narra a trajetória de Antonieta de Barros; e a **forma poética** como a autora escolheu contar a história dela.

Para favorecer a conversa, retomamos a necessidade de você antecipar em seu planejamento possíveis chaves de leitura que possam instigar os olhares e a imaginação da turma em torno dos indícios presentes no texto, na imagem e na biografia que o acompanha.

PÓS-LEITURA

Esta parte da atividade contempla especialmente a habilidade EF69LP49* da BNCC, que considera a recepção de textos que apresentem desafios aos estudantes.

Sugerimos tecer agora conexões com as conversas iniciais. Por exemplo:

- Retomar que Jarid Arraes é uma autora nordestina, nascida na região do Cariri, no Ceará: será que ser uma mulher negra nordestina afro-brasileira influencia a escrita da autora? De que forma o grupo percebe isso?
- Ouvir as primeiras impressões da turma sobre a literatura de cordel de Jarid: o que há em comum com os folhetos tradicionais? O que há de diferente? No que consistem tais diferenças?
- Refletir se o contexto social histórico traduzido em cordel reflete algum tipo de conhecimento mais abrangente. Como isso se evidencia nessa primeira narrativa cordelista? Nesse momento, você pode oferecer informações adicionais sobre o tema do cordel, por exemplo, comentando as implicações do racismo e do machismo na vida política e cultural do país, bem como mencionar outros elementos sobre Antonieta de Barros.

Por fim, recomendamos que os demais cordéis sejam lidos progressivamente, aula a aula, se possível. Para isso, você pode orientar os estudantes a se prepararem para as leituras em voz alta, que serão feitas de forma compartilhada.

E como se preparar? Eles podem ler antecipadamente, de forma autônoma, individual ou em dupla, o(s) cordel(éis) previsto(s) para as aulas. Assim, adquirirão maior intimidade com esse tipo de texto e, possivelmente, ficarão mais seguros ao se embrenhar na pujança criativa dessa literatura, por conseguinte, mais confiantes para participar de situações de leitura pública.

Outra dica é elaborar um cronograma com a turma elencando as datas e as propostas de atividades. Nesse momento, é possível criar uma listagem distribuindo as estrofes dos cordéis entre os estudantes responsáveis pela leitura. Essa é uma maneira de todos se organizarem e a turma fazer a autogestão de seu processo de estudo.

* (EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor (BRASIL, 2018, p. 159).

ATIVIDADE 2: UMA IMERSÃO NA TESSITURA POÉTICA CORDELISTA DE JARID ARRAES

PRÉ-LEITURA

Esta parte da atividade contempla em especial a habilidade EF69LP44* da BNCC, que prevê o reconhecimento de visões de mundo inscritas em textos literários.

Você pode propor aos estudantes que avancem um pouco mais em seus estudos sobre o cordel. Só que dessa vez, especificamente, na literatura cordelista de Jarid Arraes.

Em voz alta, você ou os estudantes podem ler de forma compartilhada a biografia da autora (na p. 167 do volume e também no Paratexto aos estudantes (*Conversando sobre a obra*). Vocês também podem procurar outras informações na internet; no próprio site da autora há bastante material sobre ela. Disponível em: <https://bit.ly/ArraesJarid>. Acesso em: 23 ago. 2022.

Seria interessante exibir à turma algum vídeo de entrevista com a autora, orientando os jovens a registrarem elementos que se destacam em sua fala. Por exemplo: quais foram as motivações de Jarid para escrever essa obra?

Outras informações que podem instigar a curiosidade da turma:

- O engajamento da autora com as temáticas abordadas.
- O processo criativo literário de Jarid (exemplo: como ela construiu seus versos?).
- O fazer “arqueológico” que demandou busca por registros, documentos e evidências em diferentes fontes confiáveis para composição das histórias.
- O ponto de vista autoral: permanências e rupturas entre a produção literária de Jarid e a literatura de cordel tradicional.
- As barreiras e oportunidades que Jarid encontrou em sua trajetória como escritora, inclusive em se tratando de questões de raça e gênero.

A propósito do último tópico, vale lembrar que o racismo e o machismo ainda hoje atravancam o direito de muitas crianças, adolescentes e jovens sonharem ser

* (EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção (BRASIL, 2018, p. 157).

escritores, por exemplo. Poder ver e ouvir o relato de uma jovem negra escritora é uma forma de se projetar para o mundo considerando também esse tipo de possibilidade.

Ao final deste momento, espera-se que os estudantes estejam sabendo um pouco mais sobre o processo criativo subjacente à pesquisa e à construção poética da autora, e também sobre algumas marcas do estilo literário e do contexto sócio-histórico presentes em sua obra. Isso lhes fornecerá índices de análise importantes para a atividade de leitura a seguir.

LEITURA

Aqui, destaca-se em particular a habilidade EF69LP48* da BNCC, que se refere à análise de diferentes índices presentes em textos poéticos.

Neste material, estamos recomendando uma leitura linear dos cordéis da autora. Entretanto, ressaltamos que o professor tem autonomia para encaminhar as leituras da forma que considerar mais adequada a sua turma. Uma possibilidade é se guiar por conexões internas aos cordéis para definir a sequência das histórias.

Alguns itens que podem permear o itinerário leitor em torno da leitura compartilhada desses cordéis em sala de aula:

- Leitura integral, compartilhada e em voz alta de um cordel. Pode ser feito por um grupo de estudantes, com repetição se necessário.
- Conversa em torno das chaves de leitura que denotem aspectos ligados aos conteúdos sócio-histórico e ao estético-literário presentes no cordel. Para elucidar, temos como exemplo:
 - Ênfase sócio-histórica: crítica à ausência de narrativas negras na escola. No texto sobre Luísa Mahin: *Gostaria que Luísa/ Fosse muito mais lembrada/ Nas escolas brasileiras/ Fosse sempre ali citada/ É por isso que lutamos/ Pra que seja memorada* (p. 92).
 - Ênfase estético-literária: recurso que a autora usa para sopesar a condição de submissão imposta às mulheres negras (“Que vivia maltratada”) e sua insubordinação (“Era alma de indomada”). Do cordel sobre Esperança Garcia: *Pelos padres jesuítas/ Ela foi escravizada/ Esperança*

* (EF69LP48) Interpretar, em poemas, efeitos produzidos pelo uso de recursos expressivos sonoros (estrofação, rimas, aliterações etc), semânticos (figuras de linguagem, por exemplo), gráficoespacial (distribuição da mancha gráfica no papel), imagens e sua relação com o texto verbal (BRASIL, 2018, p. 159).

era mulher/ Que vivia maltratada/ Mas sua personalidade/ Era alma de indomada. (p. 57)

Vale mencionar que os aspectos sócio-histórico e estético-literário têm fortes interações na obra.

- Reflexão crítica em torno de assuntos difíceis e dilemas. Por exemplo, no cordel sobre Dandara (p. 51) há um suicídio, e no cordel sobre Zacimba Gaba (p. 159) há um estupro. Como abordar esses assuntos com os adolescentes? Há algumas possibilidades que poderíamos destacar neste material, entretanto, recomendamos em especial que os professores, com apoio dos gestores da escola, busquem estabelecer um diálogo em rede, particularmente com as equipes de saúde e de assistência social, a fim de ampliar seus conhecimentos e referências em relação a essas pautas e também para pensar estratégias mais adequadas ao contexto de cada comunidade escolar. Ao promover conversas em torno de assuntos complexos como esses, o professor possivelmente se sentirá mais amparado se puder contar com o repertório de conhecimentos e mecanismos mobilizados por diferentes agentes na localidade, cuja finalidade precisa ser a constituição e o fortalecimento de uma rede de proteção às infâncias e às adolescências no território.
- Reconhecimento de algumas regularidades e variações nas notações rítmicas dos versos de Jarid: quando há rimas livres e quando há versos rimados, por exemplo.
- Observação sobre a construção das personagens, o enredo, o clima, o cenário, o contexto e os sistemas de valores em que se desenrolam as narrativas poéticas.
- Reflexão sobre o fato de as personagens terem sido alçadas a heroínas nesses cordéis.
- Atenção às informações nas breves biografias ao fim de cada cordel, enfatizando a diferença comunicacional de um texto poético e um texto informativo.
- Observação sobre aspectos que tornam cada heroína singular e multifacetada; ao mesmo tempo, como suas histórias de heroísmo constituem um campo comum de enunciação e anunciação dada a experiência partilhada por elas.
- Principais marcas estilísticas e técnicas nas ilustrações, que são xilogravuras: como elas conversam com os cordéis das heroínas? Elas são xilogravuras tradicionais ou, assim como o texto de Jarid, fazem um diálogo com uma técnica tradicional?

PÓS-LEITURA

A atividade proposta aqui dialoga sobretudo com as habilidades EF69LP44* e EF69LP48**, que envolvem relações entre visões de mundo e suas relações com textos poéticos.

Nesse momento, é interessante aprofundar algumas reflexões e sistematizações com a turma. Uma delas se relaciona com permanências e rupturas entre a produção dos cordéis de Jarid Arraes e os cordéis nordestinos tradicionais. Espera-se que os estudantes compreendam que, embora certos traços das culturas tradicionais precisem ser lembrados, outros tantos precisam ser transformados. Afinal, a cultura é dinâmica.

Se possível, apresente dois ou três cordéis de autores contemporâneos para que os estudantes analisem continuidades e rupturas também neles. Um exemplo que pode apoiar a proposta é a *Antologia do cordel brasileiro*, obra organizada por Marco Haurélio (São Paulo: Global Editora, 2012). Essa é uma maneira de a turma compreender que a história humana não é necessariamente linear: podemos encontrar em escritores do presente muitos indícios de pensamentos conservadores que vêm do passado. E o contrário também pode acontecer.

Por fim, sugerimos que você proponha a criação de um *memoriário* coletivo em que os adolescentes possam registrar, por meio de textos escritos, fotografias, desenhos, pinturas e/ou colagens, descobertas significativas e curiosidades. Pode-se apresentar o *memoriário* como uma espécie de diário de bordo em que os estudantes colecionam memórias e registros criativos de reflexões e atividades que reflitam seus processos de aprendizagem no decorrer do tempo.

* (EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção (BRASIL, 2018, p. 157).

** (EF69LP48) Interpretar, em poemas, efeitos produzidos pelo uso de recursos expressivos sonoros (estrofação, rimas, aliterações etc), semânticos (figuras de linguagem, por exemplo), gráficoespaciais (distribuição da mancha gráfica no papel), imagens e sua relação com o texto verbal (BRASIL, 2018, p. 159).

ATIVIDADE 3: A POESIA CORDELISTA DE JARID ARRAES E SUAS RAMIFICAÇÕES

PRÉ-LEITURA

Este momento da atividade se relaciona em particular com a habilidade EF69LP49* da BNCC, que corresponde à manifestação de interesse por textos que apresentem desafios e rupturas com o universo de expectativas sobre a obra e suas marcas linguísticas. E há relação também com a habilidade EF69LP51**, que ressalta o planejamento pela turma.

Eis que chegamos a um momento no qual os jovens já devem ter suas heroínas prediletas: seja pelas histórias, pela forma de escrita da autora ou, quem sabe, por ambos os motivos.

Você pode propor que, organizados em pequenos grupos com base em suas preferências, eles realizem uma pesquisa orientada sobre as quinze heroínas — cada agrupamento se responsabilizando por uma delas. Para isso, sugerimos que livros sejam previamente selecionados, bem como sites e outras fontes confiáveis que apoiem a turma nessa atividade investigativa. A curadoria de textos poéticos que dialoguem com o tema pode enriquecer muito esse momento. Um bom exemplo disso é o samba-enredo “Histórias pra ninar gente grande”, da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, que retrata em profundidade o conteúdo desse livro de Jarid.

Incentive-os a registrarem suas descobertas e curiosidades no *memorário*. E, ao final, o conteúdo originado pela pesquisa poderá compor painéis, murais, site ou outro formato a fim de que o conhecimento construído com a turma seja compartilhado com a comunidade escolar.

* (EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor (BRASIL, 2018, p. 159).

** (EF69LP51) Engajar-se ativamente nos processos de planejamento, textualização, revisão/ edição e reescrita, tendo em vista as restrições temáticas, composicionais e estilísticas dos textos pretendidos e as configurações da situação de produção – o leitor pretendido, o suporte, o contexto de circulação do texto, as finalidades etc. – e considerando a imaginação, a estesia e a verossimilhança próprias ao texto literário (BRASIL, 2018, p. 159).

LEITURA

A proposta dialoga especialmente com a habilidade EF69LP46*, que se refere à participação em práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras.

A essa altura, provavelmente os estudantes terão repertório para comentar muitos elementos dos cordéis de Jarid Arraes.

Nesta atividade, você pode propor que selecionem os cordéis pelos quais ficaram mais arrebatados para recitar, por exemplo, numa roda. Com a intimidade que a turma já deve ter com as narrativas poéticas cordelistas, poderão fruir e brincar muito mais, tal qual os contadores, cantadores e poetas que rimam versos no repique da embolada musical. Ou seja, é um momento de explorar as possibilidades de toadas e melodias que o gênero oferece.

Aliás, se em sua escola houver outra turma estudando a mesma obra, pode ser uma boa oportunidade de se encontrarem e trocarem experiências.

PÓS-LEITURA

Aqui, a relação com a BNCC também se dá mediante a habilidade EF69LP46, que aponta para a necessidade de participação em práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras, além de outras manifestações culturais.

Com esse percurso todo, os estudantes já se deram conta da relação entre a literatura de cordel e outros gêneros de poesia falada. No Paratexto aos estudantes (*Conversando sobre a obra*) há informações sobre isso.

Então, que tal apresentar à turma vídeos com intervenções de batalha de poesia falada? Essas batalhas estão presentes em diferentes manifestações da cultura popular brasileira. Caso onde você mora existam artistas com esse tipo de conhecimento, você pode convidá-los para ir à escola ou para participar de alguma programação prevista na comunidade.

* (EF69LP46) Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas, de apresentações teatrais, musicais e de filmes, cineclubes, festivais de vídeo, saraus, *slams*, canais de *booktubers*, redes sociais temáticas (de leitores, de cinéfilos, de música etc.), dentre outros, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva e justificando suas apreciações, escrevendo comentários e resenhas para jornais, *blogs* e redes sociais e utilizando formas de expressão das culturas juvenis, tais como, *vlogs* e *podcasts* culturais (literatura, cinema, teatro, música), *playlists* comentadas, *fanfics*, *fanzines*, *e-zines*, fanvídeos, fanclipes, *posts* em *fanpages*, *trailer* honesto, vídeo-minuto, dentre outras possibilidades de práticas de apreciação e de manifestação da cultura de fãs (BRASIL, 2018, p. 157).

Por fim, se você e seu grupo gostaram do estilo literário de Jarid Arraes, sugerimos que se aprofundem um pouco mais nas demais obras da autora, que escolheu a prosa e a poesia como trincheiras de combate ao racismo e ao machismo. Então, boas trilhas!

Possibilidades interdisciplinares

Os elementos que destacamos com a leitura de *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis* suscitam muitas possibilidades de interação com o componente curricular de Arte e com outras áreas do conhecimento, especialmente Ciências Humanas.

Então, que tal realizar uma proposta interdisciplinar aproveitando o mote da obra? Uma ideia é organizar uma Feira de Cordel, que é uma oportunidade para desenvolver, entre outras, a habilidade EF69AR34*, voltada à valorização do patrimônio cultural. Alguns passos que você pode propor:

- a) Mapeamento de personalidades negras da localidade: com os estudantes, você pode fazer um levantamento de mulheres negras importantes para a história do seu bairro, cidade ou região. A partir da seleção de alguns nomes, pode ser preparada uma entrevista ou roda de escuta a fim de conhecer melhor a trajetória de cada uma delas, ouvindo-as diretamente ou consultando pessoas próximas que sejam boas fontes de informações. Lembre-se de se atentar ao registro de suas narrativas para posterior consulta e organização dos dados. Essa etapa em especial desenvolve a habilidade EF09HI36**, por trabalhar as pluralidades e diversidades identitárias.
- b) Produção de narrativas cordelistas: busque retomar com a turma os conhecimentos sistematizados ao longo dos estudos dessa obra. E incentive-os à escrita de cordéis sobre as personalidades negras escolhidas. Como vimos, é importante que os jovens se debruçam tanto na forma como no conteúdo dos cordéis.

* (EF69AR34) Analisar e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, e favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas (BRASIL, 2018, p. 211).

** (EF09HI36) Identificar e discutir as diversidades identitárias e seus significados históricos no início do século XXI, combatendo qualquer forma de preconceito e violência (BRASIL, 2018, p. 433).

- c) Oficina de xilogravura: como já explicamos, a xilogravura envolve uma técnica específica de entalhamento de gravura sobre a madeira. Se no seu contexto for viável fazer dessa forma, será uma ótima oportunidade. Do contrário, um jeito simples de brincar com essa ideia é espalhar uma ou duas cores de guache numa superfície lisa. É preciso espalhar a tinta de maneira uniforme, deixando-a com uma espessura fina. Em seguida, com algum objeto pontudo, os estudantes desenham as personalidades negras locais. Ter as fotografias delas em mãos é algo que pode inspirar — mesmo que não precisem imitar a fisionomia delas! Outro ponto importante é atentar se os desenhos estão compatíveis com as dimensões de um folheto de cordel. Paralelamente, os estudantes cortam folhas de sulfite também do tamanho usual dos folhetos. E, antes que a tinta seque, carimbam a folha de sulfite em cima do desenho feito. Pronto! Com isso, é só deixar secando.
- d) Composição dos folhetos: chegado este momento, oriente os estudantes a montarem os folhetos a partir de uma composição entre o texto de cordel e a xilogravura que fizeram. Vocês podem fazer alguns combinados prévios a fim de que eles compreendam como podem proceder. Ter alguns exemplos de folhetos pode ser uma boa alternativa.
- e) Organização da feira: este momento vai requerer um bom planejamento com sua turma. Afinal, vocês precisarão pensar coisas como data, local, duração, convidados, divulgação, curadoria de materiais, programação, recursos necessários etc.

Uma dica é mostrar imagens de como os cordéis costumam ficar dispostos nos cordões nas feiras, caso eles nunca tenham visto. Mas aproveite para compartilhar também imagens com outras plataformas e formas de exposição (como cordel em livros, num sarau ou numa exposição).

Com esses referenciais, vocês planejam a feira. Algumas sugestões para a programação: exposição dos folhetos produzidos; recitação dos cordéis do grupo e dos de Jarid; exposição de objetos e registros que remetam ao processo de pesquisa; intervenção de um cordelista local (se houver); criação de lambes grandes com versos, a exemplo dos que aparecem no livro estudado (como na p. 89); falas das mulheres do território que cederam suas histórias; entre outros vislumbres que emergem do coletivo.

Ah, mas para que as ideias possam sair do papel é interessante contar com distribuição de responsabilidade entre grupos de trabalho. Ter o apoio de outros agentes da escola, para além do professor da turma, também é fundamental. E importante: não deixem de convidar as mulheres que confiaram suas histórias a vocês. Afinal, elas são as protagonistas dos enredos criados pela turma!

Esses passos não precisam ser feitos na sequência que propusemos. Sinta-se livre para criar sua proposta da maneira mais coerente com suas intencionalidades e com seu contexto local.

Bibliografia comentada

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC/Cosed/Undime: 2018. Disponível em: <https://bit.ly/BaseBNCC>. Acesso em: 8 jun. 2022.

A BNCC define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais, competências e habilidades que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.

BRASIL. Ministério da Educação. **Temas Contemporâneos Transversais na BNCC: contexto histórico e pressupostos pedagógicos**. Brasília, DF: MEC, 2019. Disponível em: https://bit.ly/TCT_BNCC. Acesso em: 12 jul. 2022.

Os temas transversais visam apontar a relação entre os diferentes componentes curriculares com as vivências dos estudantes em suas realidades, contribuindo assim para a formação integral, crítica e cidadã dos estudantes brasileiros.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

A partir de um compilado de episódios de racismo cotidiano, a autora fratura os discursos da normalidade do racismo, expondo os traumas e as violências subjacentes à ideia do sujeito negro como a/o Outra/o. É uma forte referência para os estudos decoloniais.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan.-abr. 2002. Disponível em: http://bit.ly/notas_experiencia. Acesso em: 3 ago. 2022.

O autor propõe pensar a educação a partir da transformação pela experiência, aquela que acontece na relação entre o conhecimento e a vida humana.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Tradução: Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Quais são as tensões envolvidas no ensino da leitura e da escrita na escola? A pesquisadora argentina explica aos educadores o que precisa ser ensinado para formar leitores e escritores de fato. Para isso, oferece exemplos de propostas de leitura e escrita.

TAVARES, Bráulio. **A pedra do meio-dia ou Artur e Isadora**: literatura de cordel. São Paulo: Editora 34, 2009.

Conservando as formas do cordel tradicional, o autor narra as aventuras dos jovens Artur e Isadora em busca da pedra do meio-dia. As xilogravuras são da artista Cecília Tavares. No fim, há informações específicas sobre a literatura de cordel.

Sugestões de leituras complementares

BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas**: o valor da escuta nas práticas de leitura. Tradução: Alexandre Morales. São Paulo: Pulo do Gato, 2020.

O livro aborda a importância da interação verbal na formação dos leitores e como essa troca de ideias amplia a construção coletiva do sentido de uma leitura. Traz ainda exemplos que elucidam o lugar do adulto na mediação da conversa e no registro desse momento.

HAURÉLIO, Marco. **Antologia do cordel brasileiro**. São Paulo: Global Editora, 2012. A antologia reúne poetas cordelistas de diferentes gerações. A organização é de Marco Haurélio, que vem se destacando na literatura de cordel na atualidade.

MUNAGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília, DF: MEC/SEAF, 1999.

A obra apresenta os trabalhos de professores e especialistas em educação, sugerindo atitudes práticas de reversão da ideologia e dos estereótipos racistas no cotidiano escolar.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Tradução: Cláudia Schilling. Porto Alegre: Editora Penso, 1998.

A psicóloga especializada em educação propõe ideias de como ensinar na escola estratégias de compreensão leitora que permitam aos estudantes interpretar e compreender de forma cada vez mais autônoma os textos desde o início da aprendizagem da leitura.